

A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Data de aceite: 02/06/2023

Marlene Ribeiro Martins

<https://lattes.cnpq.br/4320167231367537>

RESUMO - Este trabalho apresenta a construção da subjetividade, compreendendo que o ser humano se desenvolve e se constitui como sujeito desde a primeira infância e esta construção é um dos fatores do funcionamento do indivíduo mais complexos e demanda ser melhor compreendido pelo profissional da psicanálise. A hipótese de que o entendimento deste conceito possibilita ao profissional trabalhar de forma mais conhecedora do material fornecido pelo paciente levou a estabelecer como objetivo compreender com um ser se constitui na sua subjetividade. A importância deste trabalho se aplica nos conhecimentos necessário para atender as demandas do paciente e baseia-se numa pesquisa bibliográfica. Fundamenta-se nos principais teóricos que discutem este constructo, como, Winnicott, Lacan, Freud, González Rey e outros. Para os estudiosos do tema, corpo, mente, espaço externo, temporalidade, social e cultura são os grandes influenciadores na construção da subjetividade. Dentre as intermediações

estudadas, percebe-se as confluências para questões intra e intersubjetivas. Conclui-se que a subjetividade é um estudo recorrente, pois a necessidade de compreensão do sujeito é algo inerente às ciências que estudam e trabalham com o comportamento, o pensamento e a mente humana.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade. Intersubjetivas. Intrasubjetivas.

THE CONSTITUTION OF SUBJECTIVITY

ABSTRACT - This work presents the construction of subjectivity, understanding that the human being develops and constitutes himself as a subject from early childhood and this construction is one of the most complex factors in the functioning of the individual and demands to be better understood by the psychoanalysis professional. The hypothesis that the understanding of this concept allows the professional to work in a more knowledgeable way of the material provided by the patient led to establishing the objective of understanding how a being is constituted in its subjectivity. The importance of this work applies to the knowledge necessary to meet

the patient's demands and is based on a bibliographical research. It is based on the main theorists who discuss this construct, such as Winnicott, Lacan, Freud, González Rey and others. For those who study the subject, body, mind, external space, temporality, social and culture are the great influencers in the construction of subjectivity. Among the intermediations studied, we can see the confluences for intra and intersubjective issues. It is concluded that subjectivity is a recurrent study, as the need to understand the subject is something inherent to the sciences that study and work with behavior, thought and the human mind.

KEYWORDS: Subjectivity. Intersubjective. Intrasubjective.

1 | INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo surge a partir de muitos anos trabalhando com clínica e da experiência com crianças que apresentam diversas questões psicológicas, que muitas vezes não nos permite chegar num tempo que gostaríamos a um diagnóstico, demandando assim um aprofundamento maior nas observações e investigações de certas características que formam o funcionamento psicológico desta criança.

A experiência nos remete a compreender que a subjetividade é um destes aspectos importantes, assim, este artigo discute a constituição da subjetividade. A pessoa evolui e se constitui como sujeito desde o nascimento, num processo repetitivo e que ocorre continuamente nas suas experimentações corporais, isto é, nas suas ações, que modifica e é modificada pela interação social.

A subjetividade é sem dúvida um dos aspectos do funcionamento da mente humana mais complexo e completo e percebe-se nas formações em cursos superiores afalta de se trabalhar mais profundamente esta temática de forma a preparar o profissional a conhecer bem o assunto e ter mais facilidade para desenvolver um trabalho de qualidade. Assim, torna-se necessário responder a seguinte questão central: Como o conhecimento acerca da subjetividade pode colaborar e preparar melhor o Psicanalista para o desenvolvimento de um bom atendimento clínico?

Partimos da hipótese de que a compreensão do construto subjetividade contribui na maneira com que o profissional da psicanálise transite com mais segurança entre aquilo que o seu paciente exterioriza na linguagem e nas ações e os valores, significantes e significados que estes representam.

O objetivo geral deste trabalho é compreender como um ser se constitui na sua subjetividade e os específicos são identificar na literatura definições para a subjetividade e discutir alguns dos diferentes conceitos para este constructo.

Portanto, este estudo se justifica pela fundamental importância ao profissional que atua na área clínica psicanalítica, pois o mesmo deve adquirir conhecimentos com bases científicas acerca da constituição humana e necessita estar sempre se aprimorando e aplicando estas informações para melhorar a qualidade do seu trabalho.

Um dos grandes dilemas na área do atendimento clínico é a relação entre teoria

e prática. A prática é claramente um processo fundamental no desenvolvimento de um atendimento de excelência, entretanto, o embasamento baseado em estudos evidenciais tem provocado boas discussões a respeito de sua importância no aprimoramento do profissional clínico. A questão central de investigação deste trabalho é as bases teóricas em evidências científicas nos estudos das últimas décadas nos proporcionam melhores conhecimentos e, portanto, mais preparo para a prática profissional?

Para responder esta questão, o artigo se baseou numa pesquisa bibliográfica, consultando artigos científicos e clássicos da literatura da Psicologia. (GONZÁLEZ REY, 1995, 2003, 2005; WINNICOTT, 2005, 2019)

A base teórica está em alguns estudos clássicos e modernos importantes, os quais desenvolveram trabalhos profundos acerca desta temática, dentre os quais pode-se destacar Donald Winnicott, Sigmund Freud, Jacques Lacan e outros.

Para tanto o trabalho está assim organizado, primeiramente apresenta-se as discussões acerca de algumas concepções teóricas da subjetividade, conclusões e por fim as referências.

2 | DESENVOLVIMENTO

Winnicott impactou e causou enorme reverberação na área da psicanálise pela importância que deu à maturidade enquanto processo ambiental também e pelos destaques ao próprio ambiente em si, como a relação paterno-filial, elementos transicionais e o brincar. Para o autor, a criança tem uma dependência absoluta da mãe no início da vida, mas ao enfrentar os primeiros confrontos com as questões do mundo externo ao brincar, sonhar e ao contato, a mesma vai enriquecendo seu psiquismo e constituindo sua subjetividade. (WINNICOTT, 2005).

O ambiente rico e as experiências do adulto com a criança influenciarão sua evolução e constituição e assim, a mente da criança tem uma ligação direta com este ambiente com o qual vai lidando e reconhecendo. Para o autor, a mente não ocupa um determinado lugar, nem o psiquismo (WINNICOTT, 2000), mas sim o corpo todo e isto faz com que um outro elemento importante influencie a subjetividade, que é a potencialidade, a qual se constrói pela experimentação entre o interior e o exterior da criança, com os sujeitos e os objetos.

Segundo o autor, a condição favorável de estabelecer relacionamento consigo mesmo é uma aquisição que ocorre após outra e outra e que tenha tido como condição primordial certa segurança, garantindo as necessidades da criança. Ainda segundo autor, antes deste momento, ocorre a unidade bebê-ambiente, que é única para cada criança, e só é boa para aquela criança, pois é singular, proporcionando a evolução emocional e sua ligação com o externo, mas depende essencialmente do cuidado. E segundo Montenegro (2006): “Só por meio do cuidado suficientemente bom, das técnicas, da sustentação e do manejo geral é que essa unidade ambiente-indivíduo pode ser estabelecida.” (p. 27)

Um dos aspectos mais elementares da teoria winnicottiana, conforme citado anteriormente, são os elementos transacionais. A transacionalidade é o ponto comum entre o interno e externo, isto é, para o autor, não existe divisão entre estes dois pontos, não é possível saber na criança quando começa ou termina um ou outro. (WINNICOTT, 2019).

Percebe-se a importância da leitura, estudo e compreensão que o psicanalista deve fazer acerca dos elementos externos trazidos pelos pacientes e ajudá-los a perceber o que e quanto estes reverberam no seu interior ou não, como isto se processa e quais as consequências, para que os mesmos possam entrar em contato e fazerem suas próprias escolhas, entendendo que não escolher é uma escolha.

Segundo González Rey (2003), a Teoria da Subjetividade apresenta um entendimento da subjetividade semelhante a um sistema plurideterminado pela sociedade e ocorre nas relações interpessoais, o que para a criança é marcado por sua evolução social.

Considerando que a mesma teoria possibilita a construção de um modelo que permite explicar os diversos fenômenos sociais, o autor relata que a subjetividade não pode ser reduzida à linguagem, mas sim está nas vivências sociais de cada um. (GONZÁLEZ REY, 2017). Portanto, a subjetividade é: “[...] uma produção qualitativamente diferenciada dos seres humanos, dentro das condições sociais, culturais e historicamente situadas em que vivemos”. (GONZÁLEZ REY, 2017 p. 62).

Sendo assim, é possível perceber a complexidade da constituição da subjetividade infantil, visto que este ser ainda está em desenvolvimento e, portanto, sujeito às influências externas de forma muito intensa. Para a compreensão de como isso se forma na personalidade da criança é necessário entender que:

O tema da subjetividade é adotado a partir de uma perspectiva dialógica, dialética e complexa, em que a subjetividade não aparece “coisificada” em nenhum tipo de entidade, nem de invariante universal da natureza humana, mas que se expressa como um sistema complexo em constante avanço, que constitui o sujeito concreto e, por sua vez, é constituída por aquele de forma permanente, por meio de sua constante produção de sentidos e significados dentro dos diferentes sistemas da subjetividade social em que desenvolve suas ações. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 8).

Um dos aspectos importantes a ser destacados é de que a pessoa não se constitui sozinha, ela necessita absolutamente do Outro nesta relação, assim a subjetividade individual, isto é, a dimensão individual, não ocorre sem a social, pois ambas se constroem juntas. Por outro lado, não se pode negar a complexidade e a singularidade da subjetividade individual, pois a mesma acontece em diferentes níveis, em várias contradições e são codependentes. (GONZÁLEZ REY, 2005).

Assim, podemos dizer que a Teoria da Subjetividade de González Rey (1995, 2003) constituiu a uma teoria que reconhece a subjetividade no valor da cultura, do social e da história considerando a singularidade. Além disso, entende o constructo como um organismo atuante que necessita da produção de sentidos novos que adentram na subjetividade e

estabelecem uma relação dinâmica entre o individual e o social, concluindo-se com social por meio da relação que se estabelece com o individual.

A subjetividade individual estrutura-se a partir da essência, na evolução e entendimento do indivíduo que ao se inter-relacionarem também se constitui e segundo o autor:

Tanto social quanto individual constituindo-se mutuamente. Não é possível considerar a subjetividade de um espaço social desvinculada da subjetividade dos indivíduos que a constituem; do mesmo modo, não é possível compreender a constituição da subjetividade individual sem considerar a subjetividade dos espaços sociais que contribuem para sua produção (2005, p. 20).

Segundo o autor, o indivíduo por ser ativo, criativo e reflexivo está sujeito às mudanças e, portanto, constantes estados de rupturas e tensões, gerando novas subjetivações sociais e individuais. A personalidade é um sistema subjetivo que se organiza de forma autônoma a partir das vivências experienciadas pelo indivíduo. Esta forma de funcionamento só é possível pela plasticidade que possibilita as transformações processuais entre a história da pessoa, o momento e o fornecimento dos sentidos a este sujeito. Podemos perceber a complexidade do desenvolvimento da subjetividade, segundo esta teoria, pois implica em subjetividade social, personalidade e sujeito serem integrarem-se reciprocamente.

É possível conferir esta ideia no texto “*O estádio do espelho como formador da função do eu, tal qual nos revelada na experiência psicanalítica*”, que foi discutido no XVI Congresso da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), em 1949, por Lacan, no qual o autor descreveu a fase do espelho, e relatou influencia do social na questão psíquica e as funções que designam as representações inconscientes no processo de formação do indivíduo. A proposta do autor foi compreender a função do eu e apresentar a seguinte ideia: “o sujeito não é mais nada a não ser o lugar de sucessão de sensações, de desejos e de imagens” (1986, p. 35). Assim, percebe-se que para o autor as experiências na história do indivíduo são os aspectos que vão constituindo sua subjetividade na relação existencial, pois nas palavras de Lacan:

O que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história – ou seja, nós o ajudamos a perfazer a historização atual dos fatos que já determinaram em sua existência um certo número de “reviravoltas” históricas. [...] Assim, toda fixação numa pretensa fase instintual é, antes de mais nada, um estigma histórico. [...] Dito de maneira sucinta, os estádios instintuais já estão, ao serem vividos, organizados como subjetividade. (1998, p. 263).

A partir de uma apresentação, cujo título foi “Discurso de Roma”, no qual mostrou-se o trabalho “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, que foram apresentadas as ideias de Lacan, de que o acontecimento psicológico não é imediato, de que o fato é produzido pela linguagem que o outro faz à pessoa e de que “o valor da psicanálise estava, então, na percepção de que uma ciência da subjetividade seria, necessariamente, uma lógica da enunciação” (SAFATLE, 2000, p. 61), que a psicanálise e

a subjetividade começaram a tomar outra direção. Lacan (1998, p. 27) “define o conceito de inconsciente como a fala do outro”, por meio da intersubjetividade, destacando o quão a linguagem é importante neste processo, e que define a ação da pessoa sem consciência disso, e a maneira como o indivíduo se inter-relaciona é ordenado pela natureza do tempo assim simbolizado.

Dews corrobora com a teoria lacaniana: “O sujeito representa o momento transcendente que deve ser visto como capaz de eludir e tornar possível a estrutura reflexiva da consciência de si, mesmo se a emergência dessa estrutura for compreendida em função de identificações intersubjetivas” (2003, p. 96).

Portanto, são muitos os pontos da teoria lacaniana que ao mesmo tempo convergem para intersubjetividade, de forma alguma desconsidera os conflitos gerados nesta relação e a importância para esta constituição.

Freud (1996) apresenta o conceito de subjetividade imbuído na discussão da ideia do eu, que segundo o autor: “torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto” (p. 44).

Para Freud, a partir da modernidade, as discussões se organizaram na ideia de “sujeito”, levando-o a não se utilizar deste termo nos seus escritos, especialmente porque Freud discordava do significado que comumente era dado a este conceito, como, sujeito como sinônimo de indivíduo autocentrado, consciência, resistente ao tempo, etc. (MATTEO, 2007)

Segundo o autor, para sair desta substancialidade, passou-se a usar o termo subjetividade, no sentido de mais um lugar, nas experiências interiores confrontadas a partir da intersubjetividade. Ainda assim, esta abstração não adotou a ideia de descentramento, de construção e desconstrução, de acordo com a psicanálise.

O significante “subjetivação” – do verbo subjetivar-se, fazer-se sujeito, construir-se – permite melhor se distanciar do perigo substancialista e incorporar à noção de sujeito aquela de processo, de “possibilidade de singularização”. Freud, porém, prefere outro “jogo de linguagem”: objetiva o sujeito num “aparelho da alma” cuja estrutura e funcionamento descreveu progressivamente em sua metapsicologia: do Projeto, ao capítulo VII da Interpretação dos sonhos (1900), ao O ego e o id (1923), passando pelo famoso artigo sobre “O inconsciente” de 1915. Uma leitura apressada dessa literatura psicanalítica pode dar a falsa impressão de que, ao questionar a primazia da consciência e da autodeterminação, a psicanálise freudiana reduza o psiquismo (a subjetividade) à interioridade do inconsciente, da vida das pulsões, da busca do próprio desejo, em suma, a um certo solipsismo. Freud, no entanto, foi um pensador lúcido que soube articular como ninguém a relação de conflito entre desejo e cultura. Pode ser situado na seqüência dos grandes médicos da alma que se compadeceram do sofrimento humano. (MATTEO, 2007, p. 194)

O autor apresenta o cuidado no estudo dos trabalhos de Freud, que carece da

parte do Psicanalista um aprofundamento para apropriar-se adequadamente dos sentidos para a temática. Percebe-se por estas primeiras ideias freudianas acerca do conceito de subjetividade a complexidade da discussão acerca deste tema, pois segundo o autor além de outros aspectos, a contextualização temporal, sócia e científica interferem na definição do conceito, demonstrando assim a relevância deste assunto para o trabalho psicanalítico.

Na atualidade, a subjetividade tem aparecido como a novidade a ser estudada pelas ciências, pois segundo Resende (2006), na contemporaneidade, a subjetividade surge como inovação, a partir de uma queda de autonomia dos indivíduos. Segundo a autora:

Depois de décadas operadas por um reducionismo mecanicista e positivista que aniquilava o sujeito frente às estruturas sociais, uma parte substantiva do debate acerca da subjetividade postula a descoberta, o nascimento, o ato inaugural de revelação da emergência da subjetividade enquanto a novíssima realidade contemporânea. Essa "descoberta" da subjetividade, se serve como vingança pelo seu ocultamento não a revela onde ela sempre esteve: na história, na realidade objetiva. Afinal, a par de que a separação entre indivíduo e sociedade tenha sido uma das mais sólidas bases sobre as quais se edificou a sociedade burguesa, a autonomização dessas realidades jamais se realizou na realidade, na história. (p. 2)

As pessoas não deixaram de ser sociáveis e a sociedade sempre foi objetiva de indivíduos contextualizados historicamente. "A subjetividade jamais deixou de ser internalização de realidades objetivas e a objetividade jamais deixou de ser o campo da externalização mediada de subjetividades." (RESENDE, 2006, p. 2)

Além dos autores clássicos e importantes como Winnicott, Lacan, Freud e a Teoria da Subjetividade de González Rey, muitos outros estudiosos discutem este conceito considerando a importância da revisão teórica que o mesmo requer.

A subjetividade é apresentada como algo presente na constituição da identidade de uma pessoa como resultado dos diversos acontecimentos de ações, pensamentos, contextos, etc ocorridos no tempo e espaço, nos quais a mesma esteve. (SILVA, 2009)

O autor Birman (1999) define a subjetividade como conjunto de elementos que o indivíduo tem e as formas que dá às suas vivências, consciente ou inconscientemente, assim como a dimensão cultural internalizada. Assim, esta estruturação interior é ao mesmo tempo singular e coletiva, pois é associada à cultura social, mas que cada pessoa apropria-se de maneira singular.

3 | CONCLUSÕES

As teorias estudadas neste trabalho nos levam a concluir acerca da importância do ambiente e das experiências do sujeito e de quanto estas influenciam a constituição e evolução da subjetividade. Ideia apresentada por Winnicott e Lacan, bem como a dimensão social e a partir desta reflexão, podemos considerar tanto em Winnicott como em Lacan, a intersubjetividade exaltando a constituição da subjetividade na descentração e na

participação do outro nesta construção.

Outro autor que apresenta algumas semelhanças é González Rey, na Teoria da Subjetividade, com foco nas relações interpessoais e ênfase na linguagem, as quais provocam transformações no indivíduo, que impactam, se estabilizam e causam mais mudanças tornando a organização subjetiva da pessoa mais evolutiva, pois vão adquirindo novos sentidos.

Lacan corrobora estas ideias ao afirmar que o acontecimento psicológico não é imediato, apontando o valor da linguagem do outro para a pessoal e destaca o conceito de inconsciente por meio da intersubjetividade, que tem a linguagem como fio condutor e implica na ação sem consciência.

Para a psicanálise freudiana, podemos concluir que Freud, por ser um estudioso articulador dos conflitos culturais e desejos do sujeito e um autor preocupado com o sofrimento das pessoas, cuidou também da subjetivação, no sentido de fazer-se construir, incorporando a ideia de sujeito em processo, com a possibilidade de singular-se, objetivando-o a partir do aparelho da alma. É necessário certo cuidado no estudo da subjetividade, pois segundo alguns estudiosos freudianos (MATTEO, 2007; RESENDE, 2006), o mesmo tem crescido como novidade e segundo Resende (2006), após muito tempo, o ser humano ser visto de forma reducionista pela sociedade, a subjetividade surge como algo novo a ser estudado, como se antes a mesma não existisse.

Os seres humanos são socioculturais e históricos como características e a sociedade em que vivemos tem características objetivas, portanto, podemos concluir que é um tema bastante complexo e que necessita de muitos estudos para melhor entendimento.

Respondendo à nossa questão central, só é possível avançarmos no atendimento aos pacientes de forma comprometida com muitos estudos atualizados a respeito de um dos aspectos do ser humano que mais sofrem influências do meio no qual o mesmo convive.

Além disso, considerando que o ser humano é um ser de pensamentos e ações, este é um tema que necessita ser bem investigado, pois as pessoas transformam-se de acordo com a sociedade, o tempo e os espaços, portanto, a forma de constituição da subjetividade também passa por este processo, pois a mesma é individual e ao mesmo tempo coletiva.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DEWS, Peter. A verdade do sujeito: linguagem, validade e transcendência em Lacan e Habermas. Trad.: André Carone. Em: SAFATLE, Vladimir Pinheiro (org.). **Um limite tenso**: Lacan entre a filosofia e a psicanálise. São Paulo: UNESP 2003.

FREUD, S. **O ego e o id**. v. XIX, pp. 15-82, Edição Standard Brasileira de Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago. Texto originalmente publicado em 1923, 1996.

GONZÁLEZ Rey, F. **Comunicación personalidad y desarrollo**. Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educación, 1995.

GONZALEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003.

GONZALEZ REY, F. L. (Org.) **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005.

GONZALEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade, os processos da construção de informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1954-1954, 1986.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

MATTEO, Vincenzo Di. Subjetividade e cultura em Freud: ressonâncias no 'mal-estar' contemporâneo. Dossiê Filosofia e Psicanálise. **Discurso**, n. 36 2007. Disponível em: https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/publicacoes/Discurso/Artigos/D36/D36_Subjetividade_e_cultura_em_Freud.pdf. Acesso em: 13 dez 2021.

MONTENEGRO, Maria José Pereira. **O papel do outro na constituição da subjetividade, em Winnicott**. Tese de Mestrado. PUC-Pontifícia Universidade Católica. São Paulo-SP, 2006.

RESENDE, Anita C. Azevedo. **Subjetividade e cultura**: a contribuição da psicanálise ao debate. UFG/UCG. GT: Psicologia da Educação / n.20 Agência Financiadora: CNPq. 2006. Caxambu-MG. Disponível em: http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT20/TE%20-%20GT20%20-%20Anita%20A.Resende.pdf. Acesso em 13 dez 2021.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. A ilusão da transparência: sobre a leitura lacaniana de Descarte. *Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, Vol. III, n. I, pp. 59-76, 2000.

SILVA, F. G. Subjetividade, Individualidade, Personalidade e Identidade: concepções a partir da Psicologia histórico-cultural, 28, pp. 169-195. **Psicologia da Educação**. São Paulo, 2009.

WINNICOTT, Donald. Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2019.

WINNICOTT, D.W. (1983c). A teoria do relacionamento paterno-infantil. In D.W. Winnicott, **O meio ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original de 1960)126 *Revista Brasileira de Psicanálise* · Volume 45, n. 2 · 2019.

WINNICOTT, D.W. A mente e sua relação com o psicossoma. In D.W. Winnicott, **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1949), 2000.

WINNICOTT, D. W. **Pensando sobre crianças**. Porto Alegre: RS: Artmed, 2005.